

obrigatoriamente se comprometer com apenas uma delas. No caso brasileiro, um exemplo que ilustra a ideia proposta pelo autor seria a adesão de muitos católicos a rituais de outras religiões como o caso de passes espíritas ou de consulta a benzedores.

Já os “quatro cavaleiros”, mesmo que reconhecendo, em alguns momentos, a importância das religiões como fortalecedoras de laços sociais, trazem posicionamentos mais radicais contra as explicações e teorias fundamentadas em bases religiosas. Um dos alvos de suas críticas são aqueles cientistas que vivem uma vida dupla: durante a semana conduzem a vida segunda a lógica racional da pesquisa acadêmica, mas aos fins de semana praticam uma fé religiosa que se contrapõe aos preceitos racionais científicos. O que David Lyon faz é justamente o contrário, pois seu livro revela um interesse de união entre suas crenças religiosas e suas reflexões científicas. Já os quatro pensadores, por sua vez, colocam-se como uma espécie de pregadores às avessas, pois têm o objetivo de despertar a sociedade para as possíveis vantagens trazidas pelo pensamento livre de preceitos religiosos.

Enquanto o documentário foi feito seis anos depois dos atentados às torres gêmeas, o livro foi escrito ainda antes desse fenômeno de importância fundamental para a discussão sobre ciência e religião nos dias de hoje. Caberia, portanto, uma atualização do livro não somente em relação a esse fato, mas também no que diz respeito à influência das redes sociais nas práticas religiosas atuais. O texto

de Lyon, mesmo que faça bastante referência à internet, foi escrito antes do advento de plataformas digitais como o Facebook ou Twitter. De que forma essas redes têm alterado aquilo que Lyon chama de “ciberigreja” é uma indagação que o livro suscita no leitor, mas é incapaz de responder. Mesmo assim, *Jesus in Disneyland* continua atual e sua leitura certamente será proveitosa para o entendimento da religião no Brasil, de seus sincretismos, da atual força dos movimentos evangélicos e até mesmo para a compreensão do fenômeno dos padres católicos “pop-stars” como o padre Marcelo Rossi e, mais recentemente, o padre Fábio de Melo. O documentário, por sua vez, apesar de bastante controverso para os crentes mais ortodoxos, merece ser assistido pela defesa, que é ali feita, por um pensamento livre e aberto à discussão.

Do sociólogo David Lyon recomenda-se também a leitura dos livros: *Surveillance studies: an overview* (Polity Press) e *The electronic eye: the rise of surveillance society* (University of Minnesota Press). Dos quatro cavaleiros do ateísmo, seus livros mais discutidos e polêmicos são: *Deus, um delírio* (Cia das Letras), de Richard Dawkins, *O fim da fé* (Tinta da China), de Sam Harris, *Deus não é grande* (Ediouro), de Christopher Hitchens, e *Quebrando o encanto* (Globo), de Daniel Dennett.

Lucas Melgaço

é doutor em geografia humana em cotutela de tese entre a Universidade de São Paulo e Universidade de Paris 1 – Panthéon Sorbonne. Atualmente é pesquisador e professor da Queens University no Canadá e da Vrije Universiteit Brussel na Bélgica.

ARQUEOLOGIA

OS DESAFIOS DA DIVERSIDADE CULTURAL

Ao contrário do senso comum, a Amazônia foi, e ainda é, densamente ocupada e transformada pela ação humana. O estereótipo de uma floresta virgem e intocada não corresponde à realidade. É o que afirma Eduardo Góes Neves, professor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP), para quem a ideia de que os portugueses chegaram aqui e não encontraram “nada” no território do que hoje se entende por Brasil, mantém uma visão preconceituosa que, ao mesmo tempo, atrapalha o desenvolvimento econômico, cultural e social, como dificulta a questão da identidade nacional e de construção da história dos povos que aqui vivem.

“Uma das grandes contribuições da arqueologia é mostrar que os povos indígenas têm história, assim como todas as populações; uma coisa importante que a gente pode aprender com o passado por meio do patrimônio arqueológico, do patrimônio cultural brasileiro, é aceitar e incorporar a ideia da diversidade, porque isso tem a ver com tolerância, com convivência, com aceitar a diferença”, afirma Neves.

A questão que se coloca quando se fala de patrimônio arqueológico é como manejar um recurso natural que é, ao mesmo tempo, cultural e social. De acordo com o pesquisador,



O acervo de etnologia brasileira do MAE-USP inclui objetos feitos em madeira, cerâmica, palha, ossos e penas feitos por grupos indígenas do Brasil e países adjacentes

existem evidências por toda parte de que a Amazônia foi densamente ocupada. Os sítios amazônicos são ricos e densos. A quantidade de sítios arqueológicos encontrados por sua equipe ao longo dos 30 anos de pesquisa na região demonstra uma presença antiga e contínua, e mostram como as populações estiveram presentes em diferentes épocas e regiões.

“O que acontece é que as populações que existiam aqui no Brasil eram populações ágrafas, elas não tinham escrita; então, nossa única fonte de informação para entender a história dessas populações são os objetos e o contexto no qual eles se inserem, isto é, das modificações da paisagem que esses grupos fizeram no passado, como vestígios de pavimentos de cerâmica, pinturas, gravuras e solos escuros modificados pela ação humana”, explica o arqueólogo.

Para o jornalista Pedro Ortiz, coordenador do curso da editora Oboré, na capital paulista “Descobrir a Amazônia – descobrir-se repórter” do Projeto Repórter do Futuro, diversidade é a palavra-chave para entender a Amazônia. “Toda sua complexidade

só pode ser entendida a partir de diferentes visões e definições, pois a realidade e os problemas da Amazônia são tão diversos e complexos quanto sua extensão territorial”. Além disso, acrescenta Ortiz, uma série de estereótipos e preconceitos em razão da desinformação ainda estão ligados ao imaginário dos brasileiros quando se trata da região amazônica, inclusive por parte de seus próprios habitantes, os chamados amazônidas – indígenas, caboclos, ribeirinhos, e remanescentes quilombolas.

DIVERSIDADE CULTURAL X ACULTURAÇÃO

Outro aspecto importante dentro da temática indígena é a aculturação. Para o pesquisador da USP, esse é um problema que surge quando se remove a capacidade desses povos de terem história. “O Brasil não é o mesmo de séculos atrás, passamos por diversas transformações ao longo dos séculos, e essas populações se transformam também, mas sempre se vendo como povos indígenas”, afirma. Segundo Neves, a história não é só passado, mas uma coisa dinâmica, que está acontecendo nes-

te exato momento e, portanto, em constante transformação. “Os povos indígenas sempre estiveram em contato entre si e se modificaram. A questão de criar um falso dilema interessa a alguns grupos econômicos, que podem falar: olha, esses caras não são mais índios”, explica.

Para o arqueólogo o interesse por parte dos povos indígenas em reconstruir as informações de sua história vem mudando com o passar do tempo. “Antigamente não havia muito interesse porque, na verdade, os indígenas sabiam que viviam ali, e não precisavam daquela existência de objetos para atestar que a ocupação daquelas áreas era muito antiga. Mas hoje em dia, esse novo cenário político que se coloca, onde algumas terras indígenas são objeto de disputa, como no Tapajós, por exemplo, em que algumas barragens vão ter impacto sobre as terras indígenas, esse interesse tem mudado: os kaiapós, povo original da região, têm procurado parceria com arqueólogos para mostrar através da arqueologia também que a ocupação daquele território por eles é bastante antiga. Isso é uma coisa recente e que tem sido muito interessante”, destaca.

O desafio da arqueologia é grande. “Mesmo com a melhor equipe de arqueólogos em campo, este é um trabalho demorado, é um processo de construção do conhecimento. Acho que os arqueólogos têm uma boa parcela de responsabilidade por não termos uma tradição aqui no Brasil. A arqueologia está muito menos presente na nossa vida do que deveria estar”, conclui.

Cristiane Paião